

Emerson, livre de dispepsia: uma inspiração para Nietzsche¹

Emerson, free from dyspepsia: an inspiration to Nietzsche

Kim Abreu²

Resumo

O primeiro objetivo deste artigo é fazer um estudo comparativo de noções e conceitos entre Emerson e Nietzsche com o fio condutor da dispepsia. O segundo objetivo é mostrar como eles se aproximam, a partir da noção de hora em Emerson e de esquecimento ativo em Nietzsche. O terceiro objetivo, mostrar como os dois autores se afastam com relação à afirmação da vida presente. Em Emerson, Deus será o pano de fundo para a autoconfiança e, conseqüente, afirmação do instante. Em Nietzsche, não existirá Deus e o que se exigirá do indivíduo será sua coragem e dureza, para superação do niilismo, por meio do esquecimento ativo. A solução para o problema da dispepsia, ainda em Nietzsche, será o esquecimento ativo, o *amor fati*, o eterno-retorno e o além-do-homem. E, em Emerson, será a autoconfiança – *self-reliance* – a fé no próprio pensamento, enquanto verdadeiro para todos os homens, isto é, o gênio. Espera-se dos resultados que as semelhanças e diferenças entre as concepções de mundo dos dois filósofos sejam mais bem entendidas; e, além disso, que a afirmação nietzschiana de que “Emerson é livre de dispepsia” possa ser compreendida, à luz dos conceitos e noções cotejados.

Palavras-chave: Hora. Esquecimento. Dispepsia. Presente.

Abstract

The first aim of this article is to make a comparative study of notions and concepts between Emerson and Nietzsche with the tread of dyspepsia. The second objective is to show how they approach, as from the notion of hour in Emerson and active forgetfulness in Nietzsche. The third objective is to show how both authors get apart in relation of the affirmation of the present life. For Emerson, God will be the background for the self-confidence and, consequently, the instant affirmation. For Nietzsche, there will be no God and what will be required of the individual will be your courage and toughness to overcome nihilism, through the active forgetfulness. The solution to the problem of dyspepsia, in Nietzsche, will be the active forgetfulness, *amor fati*, eternal recurrence and beyond man. And, in Emerson, will be the self-confidence – *self-reliance* – the faith in the own thought, as true for all man, this is, the genius. Is expected from the results that the similarities and differences between the world conceptions from boths philosophers be more well understood; and, besides that, Nietzsche’s affirmation that “Emerson is free from dyspepsia” may be understood, the light of the cross-checks concepts and notions.

Keywords: Hour. Forgetfulness. Dyspepsia. Present.

¹ Este texto é uma adaptação de um capítulo da minha dissertação de mestrado, *Figuras do esquecimento e criação de valores em Nietzsche*, defendida em 2016 na UERJ, sob a orientação de Vera Portocarrero.

² Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: kimabreu@outlook.com

1. Introdução

Como numerosos temas emersonianos em seus próprios trabalhos filosóficos mostram, Nietzsche foi provavelmente o mais profundo e acurado intérprete existente do pensamento de Emerson.

STACK, George J.

Um dos motivos para o aprofundamento do estudo da relação entre Nietzsche e Emerson, justifica-se pela admiração e inspiração de Nietzsche por Emerson. A respeito disso, há uma carência quando se trata de uma análise crítica das noções emersonianas e nietzschianas, isto é, um estudo comparativo que mostre a proveniência da inspiração, cotejando os conceitos. O presente artigo pretende trabalhar em outra direção daquela que simplesmente afirma a influência de Emerson em Nietzsche sem o esforço de compreender as diferenças de método e objetivos entre os dois autores. Isso não significa que as possíveis diferenças invalidem aproximações bastante frutíferas ao entendimento de conceitos paradoxais e complexos quer sejam de Emerson ou de Nietzsche.

O escopo deste artigo não é efetuar uma análise histórica, que aponte, por exemplo, as datas em que Nietzsche leu determinado ensaio de Emerson, mas mostrar, através de um estudo comparativo entre noções e conceitos, algumas hipóteses que possam esclarecer a afirmação nietzschiana de que Emerson seja livre de dispepsia. Mais do que comparar possíveis influências, faremos uma análise crítica de noções muito próximas ou que se afastam, dependendo do caso, por meio de citações muito específicas que revelam um parentesco impressionante entre os dois autores. Apesar do desconhecimento de muitos, Emerson foi “um dos mais importantes interlocutores de Nietzsche” (NIEMEYER, 2014, p.173).

O fio condutor para o nosso estudo comparativo é a noção de dispepsia nos dois autores. Dispepsia é uma questão muito importante no pensamento nietzschiano, sendo encontrada em textos importantes como: *Gaia Ciência*, *Genealogia da moral* e *Ecce homo*. E não só importante para Nietzsche, mas também para Emerson. Chama a atenção, não somente o uso feito por Emerson do termo dispepsia, mas sua afirmação de que ele próprio seja “livre de dispepsia” no ensaio *Experience* (1844).

Várias noções em comum ou próximas poderiam ser trabalhadas entre os dois autores. No *Léxico de Nietzsche* estão destacados os seguintes temas em comum entre Nietzsche e Emerson: “afirmação da vida”, “afirmação do destino”, “gaia ciência”, “sentido histórico”, “sacralidade da existência”, “força explosiva do pensamento contra o poder do costume”,

“autoconfiança”, “nomadismo intelectual”, “amizade como alternativa à compaixão”. Não visamos esgotar as possibilidades, que podem até mesmo extrapolar as citadas acima, mas nos concentraremos na questão da dispepsia como um ponto estratégico entre os dois autores.

A noção de dispepsia em Nietzsche é bastante complexa, pois um campo enorme de noções gravita em seu entorno como, por exemplo: esquecimento, criação, fisiopsicologia, valor, autossuperação, vida etc. Dessas noções, destaque-se o esquecimento. Optou-se por empreender um estudo comparativo entre a noção de hora em Emerson e a noção de esquecimento em Nietzsche para se conseguir explicar o fio condutor da dispepsia.

2. Hora

Em Emerson, noções como presente, hora, momento e instante se fundem. Mas de todas essas, a noção de hora é destacada, como podemos ver nesta conhecida passagem do ensaio *Experience*: “Preencher a hora – isto é felicidade – preencher a hora, sem deixar brechas para arrependimentos ou provações”³ (EMERSON, 1997, p.134). Preencher a hora está relacionado à felicidade e ao viver o presente livre de arrependimentos, em outras palavras, sem ser dispéptico. Eis a passagem em que o próprio Emerson fala ser livre de dispepsia:

Os jovens refinados desprezam a vida, mas em mim e naqueles que, como eu, são livres de dispepsia e para quem o dia é um bem saudável e sólido, é um grande excesso de polidez parecer desdenhoso e implorar por companhia. Por simpatia, tornei-me um pouco ansioso e sentimental, mas me deixe sozinho e desfrutarei de cada hora e daquilo que esta me traga, do sumo do dia, tão intensamente quanto os mais velhos mexeriqueiros dos bares. Sou grato por pequenos mimos⁴ (EMERSON, 1997, p.135)

O trecho exemplifica bem a relação entre dispepsia e hora. Emerson se diz livre de dispepsia, isto é, de dificuldades em digerir os acontecimentos da vida, porque sabe reconhecer e dar valor ao dia que se apresenta, sabe desfrutar de cada hora. Esse ‘dia’ não é apenas aquele que possui vinte quatro horas. Hora não é somente o período de sessenta minutos de um dia natural. ‘Dia’ e ‘hora’ são oportunidades, ensejos para afirmar a vida, viver o instante, aproveitar as possibilidades que surgem, ou seja, estar pronto para o convite da criação, do novo.

³ “To fill the hour, - that is happiness; to fill the hour and leave no crevice for a repentance or an approval” (EMERSON, 2009b, p. 62).

⁴ “The fine young people despise life, but in me, and in such as with me are free from dyspepsia, and to whom a day is a sound and solid good, it is a great excess of politeness to look scornful and to cry for company. I am grown by sympathy a little eager and sentimental, but leave me alone and I should relish every hour and what it brought me, the potluck of the day, as heartily as the oldest gossip in the bar-room.” (EMERSON, 2009b, p. 10).

A solidez do dia é sinônimo de saúde. Um dia fluido seria aquele que escorre sem que nos demos conta da hora. O dia passa e os mesmos pensamentos permanecem sem que haja uma novidade. Não é que se deva esperar algo de novo do dia, mas desfrutar de cada pequeno detalhe não observado no dia anterior. É buscar uma nova notícia no mesmo bar, um novo mexerico. É se integrar com a natureza e se deleitar com a luz seja do sol ou da lua.

Quando Emerson critica a atitude de implorar por companhia, é no sentido de buscar a fuga dos problemas na presença do outro, como se a própria existência do indivíduo não fosse suportável na solidão. Não é que Emerson pregue a solidão e o desfacelamento dos laços de amizade, mas quem não está satisfeito consigo não pode cultivar uma boa amizade. “Respeitai [...] as leis sagradas desta camaradagem, de modo a não prejudicar sua flor perfeita em vossa impaciência, para que se abra. Devemos possuir a nós mesmos antes de possuir a um outro”⁵ (EMERSON, 1994, p.143)

Hora e dispepsia estão intimamente relacionadas, pois aproveitar as horas da vida significa viver o instante de maneira integral, sem remorsos, rancores, ressentimentos, tampouco esperanças vãs, falsas promessas ou preocupações com o futuro. A hora dá uma consistência maior ao instante, este átimo de tempo fugidio. Por isso Emerson fala em “preencher a hora”.

Hadot, em entrevista sobre Marco Aurélio, traz uma nota interessante a respeito dessa concepção temporal do instante:

Exatamente os estoicos afirmavam que o tempo é divisível ao infinito e, portanto, que não há presente em sentido estrito, mas admitiam uma ‘espessura’ (*platos*) do presente vivido pela consciência humana. E precisamente a consciência humana pode ‘delimitar o presente’, o que tem um duplo sentido: por um lado, separar o que depende de nós (o presente) do que não depende de nós (o passado e o futuro); por outro, reduzir a um instante fugidio (mas tendo, ainda assim, uma ‘espessura’, por menor que seja) [...] (HADOT, 2014, p.139).

3. Dispepsia

Vimos que preencher a hora é igual a ser feliz em Emerson. E também que a felicidade é reservada a quem, como Emerson, é livre de dispepsia, isto é, ter um estômago em bom funcionamento e também uma boa consciência. Este é o tema em comum que nos permite aproximar a noção de hora emersoniana com a de esquecimento ativo em Nietzsche.

⁵ “Respect so far the holy laws of this fellowship as not to prejudice its perfect flower by your impatience for its opening. We must be our own before we can be another’s.” (EMERSON, 2009a, p.13).

Vejamos a passagem onde Nietzsche cita Emerson em *Crepúsculo dos ídolos*, relacionando-o com o tema da dispepsia:

Emerson. – Muito mais esclarecido, errante, múltiplo, refinado do que Carlyle, sobretudo mais feliz... Alguém que instintivamente se nutre apenas de ambrosia, que deixa de lado o que é indigesto nas coisas. Comparado a Carlyle, um homem de gosto. – Carlyle, que dele muito gostava, dizia dele, porém: ‘Não nos dá o suficiente para morder’: o que pode ser dito com justiça, mas não em detrimento de Emerson. – Emerson tem a boa e espirituosa jovialidade que desencoraja toda seriedade; ele simplesmente não sabe quão velho já é e quão jovem ainda será... Seu espírito sempre acha motivos para estar satisfeito e até mesmo agradecido; e às vezes roça a jovial transcendência daquele bom sujeito que voltou de um encontro amoroso (CI Incursões de um Extemporâneo 13).

Emerson só se nutrir de ambrosia significa, para Nietzsche, que o filósofo americano faz parte de um tipo raro de homem, o qual, instintivamente, sabe escolher o que se ‘alimentar’. Emerson escolhe, deste modo, livrar-se do ‘indigesto’ nas coisas. A ambrosia, o manjar dos deuses, está reservada àquele que sabe se livrar do que não é bom para o organismo, o que sabe selecionar o melhor alimento, isto quer dizer também, em outras palavras, esquecer ou ruminar o que está dificultando a digestão, mastigando os acontecimentos difíceis, ruminando ativamente, com a vontade de se livrar da sensação de estômago ou consciência pesada.

Quando Nietzsche utiliza a metáfora da digestão das coisas e não de alimentos, ele tem como pano de fundo a noção de fisiopsicologia. A análise de Maria Cristina Franco Ferraz é esclarecedora a esse respeito:

O tema da função digestiva do esquecimento relaciona-se diretamente a outra afirmação extraída do parágrafo 16 do capítulo “Das velhas e novas tábuas”, de *Assim falou Zaratustra III*: “o espírito é um estômago”. Nessa passagem, o verbo *é* foi destacado por Nietzsche. Mesmo em um texto como *Assim falou Zaratustra*, não se trata aqui de uma simples analogia. O espírito não é *semelhante* a um estômago. Espírito e estômago se fundem, e é apenas por conta de uma linguagem comprometida com distinções metafísicas que se tem de inventar incessantemente, no interior dessa mesma linguagem, estratégias capazes de esquivar a insidiosa reintrodução de certos hábitos de pensamento (FRANCO FERRAZ, 2010, p.116).

Como está desenvolvido em ‘Dos desprezadores do corpo’ de *Assim falou Zaratustra*, corpo e espírito se fundem, porque a grande razão é o corpo. O espírito é a pequena razão, apenas um pequeno instrumento do corpo. Nesse sentido, a lida com acontecimentos difíceis passa por uma somatização, visto que ao pensar se sente e esse sentir provoca no corpo alterações significativas. Quem vai lidar com esse sentimento, efeito do pensamento, é o corpo.

A pequena razão, a consciência, não consegue identificar perfeitamente os problemas, nem é nela que ocorrem as principais atividades relacionadas aos pensamentos, mas no corpo.

Scarlett Marton é precisa a respeito da assimilação fisiopsicológica das vivências pelo corpo:

Do mesmo modo que, ao alimentar-se, o corpo assimila o que não lhe pertence, ao digerir novas experiências, o espírito incorpora o que lhe é estranho. Processos que não são racionais nem voluntários, eles nada têm a ver com as chamadas faculdades do espírito (MARTON, 2009, p.9)

A afirmação de que o espírito é estômago, mostra o caráter dual da dispepsia. O primeiro aspecto é o efeito físico no corpo, como derrames de bÍlis, exemplo do homem de “olhar bilioso” (GM III 20). O segundo aspecto é o efeito psicológico, como a culpa que promove, em geral, o ressentimento (sentimento de que o ‘outro’ é culpado) ou a má consciência (sentimento de que o ‘mesmo’ é culpado).

Veja-se a análise de Oswaldo Giacoia, acerca do ressentimento:

[...] o ressentimento invade e domina a consciência do sofredor, transtornando o metabolismo psicológico que regula a alternância entre percepção, esquecimento e memória das vivências, sobretudo o processo de assimilação dos traços e lembranças negativas. Uma vez minada a força plástica do esquecimento, o sofredor se torna incuravelmente ressentido, porque sua consciência é pervadida pelos traços das lembranças aflitivas, que atraem como ímã a energia dos outros estados psíquicos (GIACOIA, 2013, p.192)

Para ser ressentimento ou má consciência, dependerá do direcionamento da culpa: se for uma culpa exteriorizada ou atribuída ao outro, é o ressentimento, pois não se vinga no ato, acumula ódio, vingando-se *in effigie*. Isto não quer dizer que a vingança não se concretizará nunca. Ela é aumentada com a espera, o ‘não esquecimento’ do acontecido. Se for uma culpa interiorizada⁶ ou atribuída a si mesmo, é a má consciência, aquela que pune a si mesma, a partir do sentimento de culpa, o estar em pecado.

Esses são alguns efeitos da dispepsia no corpo, em seus aspectos fisiológicos e psicológicos. Nietzsche, na segunda dissertação de *Genealogia da moral*, distingue assimilação psíquica, que nós experimentamos, vivenciamos ou acolhemos na consciência; de assimilação física do estado de digestão, onde ocorre o processo de nutrição corporal. Como a dispepsia

⁶ “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’” (GM II 16).

possui efeitos tanto no corpo como na consciência, optamos por trabalhar com a noção de assimilação fisiopsicológica⁷.

Em suma, a dispepsia é um conceito de fisiologia, pois significa literalmente disfunção na digestão. Contudo, quando Nietzsche ou Emerson o utilizam, é enquanto metáfora para representar o ressentimento ou o sentimento de culpa da consciência. No caso de Nietzsche, especialmente, vimos que não é apenas uma questão de comparação entre processos, mas que a consciência é igual ao estômago, no sentido de que não há como separar. Ou seja, se pensamos, sentimos imediatamente e sofremos no corpo seus efeitos. Qual será o remédio para a cura da dispepsia em Nietzsche? Para Emerson, o dia, o presente, o instante, a hora são fundamentais.

4. Esquecimento

A respeito da relação entre esquecimento e dispepsia, a passagem mais significativa de Nietzsche está em *Genealogia da moral*:

[...] eis a utilidade do esquecimento ativo, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento. O homem no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico – de nada consegue “dar conta”... (GM II 1)

Então, podemos concluir que o “aparelho inibidor” de Emerson estava funcionando perfeitamente, pois ele não era dispéptico. Por meio do esquecimento ativo – *aktiven Vergesslichkeit* (cf. COLLI & MONTINARI, 1967, p.291) – existe o presente e a saúde da consciência é mantida, trazendo felicidade. Emerson, para Nietzsche, é feliz e só se alimenta de ambrosia, porque seleciona ativamente o que alimentar a consciência, esquece o que não

⁷ Com relação ao uso dos termos “assimilação física” e “assimilação psíquica” vale observar a análise etimológica de Maria Cristina Franco Ferraz: “Na *Genealogia*, Nietzsche remete o esquecimento ao processo de digestão, chegando mesmo a criar uma palavra alemã complementar à que corresponderia, em português, à expressão ‘assimilação física’. A língua alemã dispõe desse termo (*Einverleibung*) para nomear o complexo processo fisiológico da nutrição. Essa palavra é composta a partir das ideias de um movimento para dentro (*ein-*), de transformação (*ver-*), do substantivo corpo (*Leib*) e de um sufixo que indica a substantivação de um processo (*-ung*). Rompendo com a circunscrição do processo digestivo ao âmbito do corpo fisiologicamente descrito, Nietzsche propõe então a palavra *Einverseelung*, introduzindo, no lugar do corpo, a referência à alma, *Seele*. Essa palavra inventada por Nietzsche pode ser apropriadamente traduzida como ‘assimilação psíquica’. Cabe enfatizar que o termo ‘psíquico’, nesse caso, está impregnado de sua origem grega, que o aproximaria do alemão *Seele*, ‘alma’. Sempre é bom lembrar que não se trata aqui de uma concepção de psiquismo tal como as que irão marcar a psicanálise, no limiar do século XX” (FRANCO FERRAZ, 2010, p.112-113).

pode ser digerido facilmente. Desse modo, mantém-se no presente, pois esquece o passado que atrapalha o olhar para “o aqui e o agora”.

Comparando os dois autores, podemos ver também, em Emerson, a relação entre felicidade, força e presente:

[...] o homem adia ou recorda; não vive no presente, mas, com olhos voltados para trás, lamenta o passado ou, indiferente às riquezas que o rodeiam, bota-se na ponta dos pés para prever o futuro. Ele não poderá ser feliz ou forte até que também viva com a natureza no presente, acima do tempo (EMERSON, 1994, p.50)⁸.

Emerson é um bom exemplo de como manter a saúde da consciência, de como ser verdadeiramente feliz, esquecendo ativamente, isto é, selecionando o que manter na memória, vivendo o presente, afirmando-o. A crítica dele se volta aos que adiam ou recordam. São aqueles que deixam para amanhã o que poderiam fazer hoje e aqueles que deixam de fazer hoje, porque pensam em algo que já foi.

A noção de esquecimento ativo junto com a noção de hora têm em comum a dispepsia, o presente e a felicidade. O esquecimento ativo mantém a saúde da consciência, fazendo-a viver o presente com intensidade, livrando-a da dispepsia. A hora ou o seu preenchimento permite a felicidade, pois nos convida ao cotidiano, a sermos gratos pelo que a natureza nos oferece. Em ambas as noções, o aspecto ativo é fundamental para escolher da natureza aquilo que nos fortaleça, embora aceitar os seus desígnios é preocupação constante dos dois filósofos.

Viver o presente é uma escolha e um fato. Pode-se escolher o *fatum* de que a natureza é a vida e de que a vida é só o presente, pois o passado já não é e o futuro ainda não foi. Agarrar-se, deste modo, à espessura do fugidio instante - ‘aqui e agora’ - é o empreendimento que fazem tanto Emerson quanto Nietzsche em suas filosofias. Essa é uma boa chave de leitura para entendermos o motivo pelo qual Nietzsche retoma a noção de dispepsia que lera no *Experience* de Emerson.

5. Considerações Finais

Apesar da aproximação de ambas as culturas, americana e europeia, por conta do declínio moral do século XIX constatado por ambos os filósofos, a América é nova e inabordável, parafraseando Stanley Cavell, e a Europa é velha e decadente. Em ambos os

⁸ “Man postpones or remembers; he does not live in the present, but with reverted eye laments the past, or, heedless of the riches that surround him, stands on tiptoe to foresee the future. He cannot be happy and strong until he too lives with nature in the present, above time” (EMERSON, 2009a, p.14).

filósofos, encontra-se um projeto de construir novos valores, porém em Emerson o solo é virgem e em Nietzsche desgastado. Diz Emerson: “A América está começando a afirmar-se aos sentidos e à imaginação de seus filhos e a Europa está declinando na mesma proporção” (EMERSON *apud* MASTERS, 1961)⁹.

A preocupação de Emerson é com o materialismo do lucro que desespirtualiza a América. Em Nietzsche, é justamente a espiritualidade o problema, enquanto ideal ascético que permeia a filosofia, a música e a história. O transcendentalismo de Emerson implica no afastamento de Nietzsche, apesar de todas as afinidades existentes.

O ponto de maior contato entre os dois que os mantêm unidos é a natureza. Não que concebam natureza de forma igual, mas o que os afasta, principalmente, é entender a natureza como criação divina ou não.

Por Emerson acreditar em uma natureza humana pré-determinada por Deus, Supra-alma, Um ou qualquer noção semelhante, delimita o afastamento de Nietzsche, vide que esses conceitos podem afetar o olhar para a existência, recobrando-a com um falso sentimento de que ‘tudo vai dar certo porque Deus já determinou’. Como escreve Charles Andler: “Emerson é um platônico e um místico” (ANDLER, 2016, p.288).

A natureza para Nietzsche é destituída de poderes além dos que ela mesma já possui. Amar a vida é amar a natureza, devolvendo-a o sentido da terra de que fala Zaratustra: “Foram os doentes e moribundos que desprezaram corpo e terra e inventaram as coisas celestiais e as gotas de sangue redentoras” (ZA Dos transmudanos).

Apesar de ambos serem livres de dispepsia e utilizarem remédios muito parecidos, a hora ou o esquecimento ativo, o presente é conquistado com uma diferença de potencial. Em Emerson, o abandono ao destino traçado por Deus, a aceitação da natureza e a fé no futuro, constroem a autoconfiança [self-reliance] e, da mesma forma, a força do indivíduo em viver o presente de forma plena, preenchendo a hora. Com Nietzsche, sem Deus a guiar os passos do indivíduo, o niilismo da Sua ausência provoca a atividade de construir o próprio caminho a partir de si mesmo, o que significa obedecer à natureza, tornar-se o que se é. O esquecimento é ativo e não passivo como um abanono, pois do próprio indivíduo nasce a força de libertar-se da memória da vontade que não quer livrar-se mais do que passou. Desse modo, a felicidade é engendrada pelo próprio indivíduo sem nenhum auxílio metafísico. Emerson é livre de dispepsia, mas não de Deus.

⁹ Conferência lida na Associação da Biblioteca Mercantil, em Boston, a 7 de fevereiro de 1844.

Referências bibliográficas

ANDLER, Charles. *Nietzsche: vida e pensamento, volume I*. Tradução de Regina Schöpke, Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2016.

COLLI, G. & MONTINARI, M. (Org.). *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe (KSA)* in 15 Bänden. Berlin/Munique: Walter de Gruyter, 1967-1978.

EMERSON, Ralph Waldo. *Essays – first series*. Auckland: The Floating Press, 2009a.

_____. *Essays – second series*. Auckland: The Floating Press, 2009b.

_____. “O jovem americano” (1844) In: MASTERS, Edgar L. *O pensamento vivo de Emerson*. São Paulo: Martins Editora, 1961.

_____. *Ensaio: primeira série*. Tradução de Carlos Graieb e José Marcos Mariani de Macedo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. *Experiência*. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Apud CAVELL, Stanley. *Esta América nova, ainda inabordável*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do Século XIX ao XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

MARTON, Scarlett. *Do dilaceramento do sujeito à plenitude dionisíaca*. Cadernos Nietzsche, São Paulo, n. 25, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIEMEYER, Christian (Org.). *Léxico de Nietzsche*. Tradução de Ernani Chaves (Coordenador). São Paulo: Loyola, 2014.

STACK, George J. *Nietzsche and Emerson: an elective affinity*. Athens: Ohio University Press, 1992.